

Esta Amadora de Outros Tempos

Por Alveś Silva

MISCELÂNEAS DO SÉCULO XVIII

O terramoto de 1755, obrigou os lisboetas a procurar terra mais firme, uma das localidades de preferência foi a actual Amadora, nessa altura sem esta designação, mas já com lugares consagrados, como Porcalhota, Damaia, Falagueira, Venteira e tantos outros.

Gente oriunda de Lisboa, fugida da tragédia, procurou por cá amigos e familiares, alguns deles tiveram guarida nas quintas do Bosque, do Assentista, de São Miguel, do Outeiro, entre outras e aqui encontraram as portas abertas e, em muitos casos, a hospitalidade do saloio mais modesto pronto a recolher os parentes e outros anónimos, pessoas angustiadas a cruzarem os arredores da capital atemorizadas pelo receio de verem repetir os abalos.

Lisboa, ameaçada de fome, teve da parte destes lugares da agora Amadora, o apoio em pão, feijão, legumes verdes e até de animais de capoeira, entre outras ajudas de grande importância numa calamidade nunca vista. A capital foi forçada, após o terramoto, a alargar-se pelos suburbios, estes poupados pelos abalos, por várias razões uma delas o serem pouco povoados e, talvez por isso, os registos não os darem como muito afectados pelo sismo.

Algumas pessoas, ao tempo importantes, tiveram de deixar a capital, como foi o caso dos condes da Lousã, na altura a viverem em Lisboa na Rua dos Cardais. Tinham 56 pessoas de portas a dentro, como nos diz Gustavo de Matos Sequeira - "Lisboa depois do Terremoto". Procuraram na Damaia guarida, a vivenda ainda lá está e a Câmara Municipal da Amadora pretende torná-la edifício classificado, não obstante tratar-se de propriedade particular.

Também as filhas do marquês de Belas vieram encontrar abrigo mais seguro nas suas propriedades daquela localidade, bem como João de Matos Mexia ao socorrer-se da sua casa na Quinta do Bosque. O desembargador Inácio Pedro Quintela veio para Carenque, agora quinta dos Choupous e ali se refugiou em 1756/7, vindo do palacete do conde de Castelo de Paiva, em Lisboa.

Uma das igrejas mais danificadas pelo sismo foi a de São Mamede, junto ao antigo Colégio dos Nobres, muito perto da Imprensa Nacional/Casa da

Moeda. A igreja detinha vários privilégios na Reboleira, sítio esse doado com encargos de sufrágios com o foro de seis alqueires de trigo.

Sempre que D. João V ia a Mafra e passava pela então estrada real (Rua Elias Garcia) arranjavam-se os caminhos do trajecto, altura em que o Senado ordenava que desde a véspera se não deixassem os rebanhos circular pela estrada e não se deitasse nada pelas janelas, nem o gado se dirigisse, por ali, à feira das bestas, no século XVIII, no Largo de São Domingos.

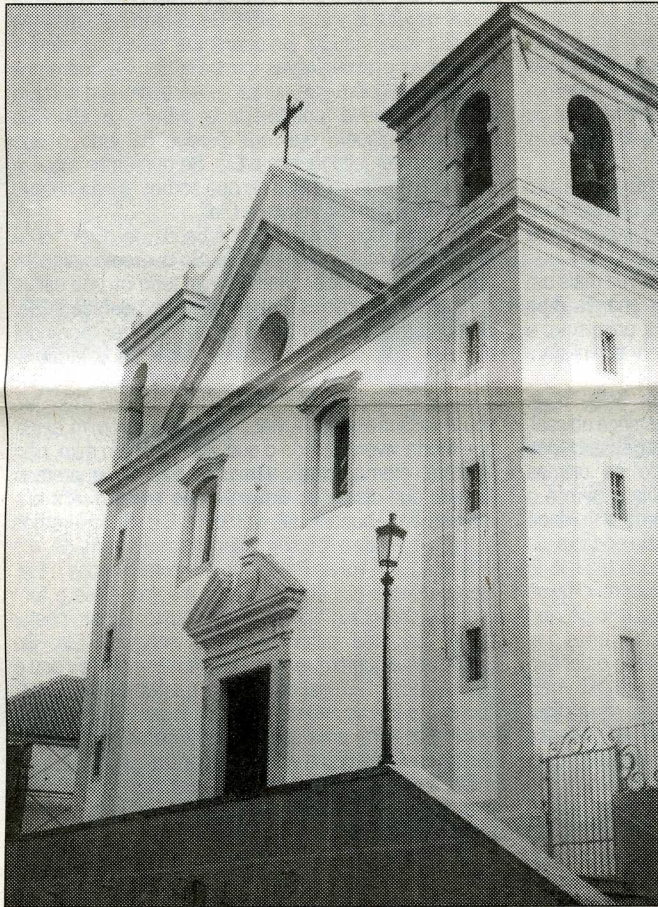
Quando D. João II morreu saiu uma postura inédita para que, em sinal de luto, nenhum barbeiro fizesse barba nem cabelo durante seis meses.

Em 27 de Março de 1771, vieram de Marselha 19.996 pés de amoreiras em vista a alimentar a Real Fábrica da Seda. Uma boa quantidade destas árvores foi plantada na Amadora. No ano seguinte vieram mais 24.631 pés, desta vez de avinhão, que custaram cerca de 11 contos de reis. A próspera sericultura de então andou por estes sítios.

Uma das oficinas operárias das sedas estava instalada, em 1805, no palácio de Queluz e era a própria princesa, Carlota Joaquina, quem administrava o sustento dos bichos e os moços de ordens do palácio iam todos os dias à Praça das Amoreiras colher as folhas, o que também era frequente vê-los nas árvores existentes por esta localidade da actual Amadora. Com a saída da corte para o Brasil, em 1807, os bichinhos morreram abandonados e a febre da seda foi definhando. A Porcalhota também deixou de fazer seda à custa dos casulos dos bichos, tendo as árvores morrido por falta de tratamento e outras foram-se tomando bravias. A invasão francesa também atormentou o bicho da seda.

No século XIX, a rica vivenda da Quinta do Assentista, na Amadora, teria servido de residência ao Intendente Geral das Décimas destes sítios, em representação do governo, daí a Quinta do Assentista ou do Intendente como depois chegou a designar-se.

Em princípios do século XX ainda existia em Benfica uma fábrica de seda, na qual trabalhavam muitos operários amadorenses.



Igreja de São Sebastião da Pedreira.
O templo diz muito a muitos amadorenses.



Nesta Igreja de São Sebastião da Pedreira foram baptizados muitos amadorenses. A maternidade Alfredo da Costa fica ali perto.